

COMO A LITERATURA DO RELATO INTEGRADO CONTEMPLA O VIÉS DA GERAÇÃO DE VALOR? UM OLHAR MULTIPARADIGMÁTICO E BIBLIOMÉTRICO EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS

AMANDA DOS SANTOS VEIGA MARÇAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

MARGUIT NEUMANN
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

SIMONE LETICIA RAIMUNDINI SANCHES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

COMO A LITERATURA DO RELATO INTEGRADO COMTEMPLA O VIÉS DA GERAÇÃO DE VALOR? UM OLHAR MULTIPARADIGMÁTICO E BIBLIOMÉTRICO EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS

1. INTRODUÇÃO

O Relato Integrado (RI) é uma evolução na forma de divulgação corporativa, o qual busca integrar, concisamente, a comunicação de informações financeiras e não financeiras de uma organização (De Villiers & Sharma, 2016). Para tanto, é compreendido como um processo apoiado no pensamento integrado, que resulta em elucidar a criação de valor ao longo do tempo de uma companhia (Maniora, 2015). O desenvolvimento da proposta do RI está a cargo do *International Integrated Reporting Council* (IIRC), formado por uma coalizão global de reguladores, investidores, empresas, definidores de padrões, profissionais do setor contábil e Organizações Não Governamentais (ONGs).

Com a finalidade de desenvolver o *Framework 1.0* do Relato Integrado, foi criado em 2011 por este órgão o *IIRC Pilot Programme Business Network*, com a participação de mais de 100 entidades em 25 países e 35 participantes de rede de investidores de 12 países. Tal experiência contribuiu para que em 2013, fosse publicado o *Framework 1.0* para RI, o qual é composto por três subseções: i) conceitos fundamentais, ii) princípios orientadores e iii) elementos de conteúdo de um RI (Haller & Van Staden, 2014). Todavia, o ponto central do RI são os conceitos fundamentais de geração de valor e de capitais (Druckman, 2016). O conceito de geração de valor no RI, é o de que o valor de uma organização não é gerado sozinho, e pode mudar ao longo do tempo, pois é influenciado pelo ambiente externo (contexto legal, comercial, social, ambiental e político) e por meio de relacionamentos com as partes interessadas. Portanto, depende da interação da companhia com o ambiente externo e com os capitais (financeiro, manufaturado, intelectual, humano, social e de relacionamento, natural) para criar valor em curto, médio e longo prazo (Kuzina, 2014).

O valor gerado de uma empresa possui dois parâmetros inter-relacionados no RI: i) o valor criado para a própria organização, o qual fornece benefícios financeiros aos provedores de capital financeiro; e ii) o valor criado para outras partes interessadas e a sociedade em geral. De Beer (2014) afirma que os valores são criados por diferentes capitais, períodos e *stakeholders* (Kuzina, 2014). Para C. A. Adams (2015), o entendimento dado ao “valor” e ao “valor para quem” se diversifica conforme o negócio, a sociedade e o ambiente organizacional. Na ótica de Gokten & Gokten (2017), o valor de curto prazo, seria o lucro para as partes interessadas enquanto que o valor de médio prazo, o valor justo esperado pelos investidores para o patrimônio líquido e o valor de longo prazo, representaria para a sociedade.

A organização antes de evidenciar o seu conteúdo no RI, deve compreender como cria e define valor (IFAC, 2015) e quem determina o processo de geração de valor, por meio do consentimento mútuo da gerência e os responsáveis de governança. A partir do exposto, denota-se a subjetividade existente no conceito de valor no RI (IFAC, 2015, p. 7). Entretanto, segundo o documento suplementar *Background – Value Creation*, emitido em 2013 pela Ernst & Young (EY), a explicação de geração de valor, que era o intuito desse documento, deve ser diferenciada do conceito do valor, e portanto, esse documento não definiria o valor, tão quanto, prescreveria uma abordagem ideal ou universalmente aplicável para a comunicação de Geração de valor (E&Y, 2013).

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

O conceito de geração de valor foi questionado e colocado sob destaque (Busco, Frigo, Quattrone e Riccaboni, 2013) tanto antes, quanto após, a implantação do *Framework 1.0* para

o RI, assim durante este período, motivou-se a realização de três consultas públicas, em que a última, foi realizada em 2017 pelo próprio IIRC, deste modo, constatou e permaneceu pelos usuários do RI, dificuldades quanto na compreensão e aplicação do conceito de valor (E&Y, 2013, IIRC, 2017). Contudo, o IIRC buscou modelos inovadores, mas “a comunicação ainda não estava suficientemente desenvolvida para identificar as melhores práticas” (C. A. Adams, 2015, p. 2). Para tanto, este conceito ainda não está explícito, tanto na teoria quanto na prática (Feng, Cummings, & Tweedie, 2017). Para Dumay & Dai (2014) apud Dumay, Bernardi, Guthrie, & Demartini (2016), este conceito é um argumento retórico do *Framework 1.0*, visto que, não são comprovadas evidências reais do mesmo.

O *Integrated Reporting Committee of South Africa (IRCOSA)* (2014) criticou os pesquisadores que defendem a questão da geração de valor, pela sua relevância em termos de desenvolvimento futuro do RI, os quais não trataram o tema com a sua devida relevância, em consonância, com poucos estudos que abordam o viés apontado, como a De Beer (2014); Dumitru, Gușe, Feleagă, Mangiuc, e Feldioreanu (2015) Flower (2015); Thomson (2014); Haller (2016); C. A. Adams (2017a); Gokten e Gokten (2017). Para os capitais, que são base teórica do conceito da Geração de valor, localizaram-se apenas pesquisas que exploraram o conceito de valor no capital intelectual a de Beattie e Smith (2013) e de Melloni (2015), e que explorou a metáfora de capitais no RI a de Coulson, Adams, Nugent, e Haynes (2015).

Flower (2015) e Gokten e Gokten (2017) criticaram o *Framework 1.0* sobre sua definição abrangente de geração de valor. Visto que, o conceito de geração de valor não é definido claramente no *Framework 1.0* (Chaidali & Jones, 2017; Dumitru, Gușe, Feleagă, Mangiuc, & Feldioreanu, 2015; Flower, 2015; Gokten & Gokten, 2017; Melloni, 2015; Slack & Tsalavoutas, 2018), sendo vagamente definido e abstrato (Dumay, Bernardi, Guthrie, & La Torre, 2017). Ademais, o IIRC não se refere, a(s) qual(ais) conceito(s) foi apoiado, para a definição do mesmo no *Framework 1.0* (Haller, 2016), deste modo, deixa espaço para interpretação.

Diante do exposto a presente pesquisa busca responder a seguinte questão: Qual a abordagem metodológica e o paradigma da produção científica sobre Relato Integrado no viés da geração de valor? Para tanto, este estudo tem como objetivo de identificar a abordagem metodológica e o paradigma da produção científica sobre Relato Integrado no viés da geração de valor.

Para alcançar este objetivo, selecionaram-se os artigos internacionais, pois não foi encontrada nenhuma pesquisa nacional, que explora sobre a temática na base de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A CAPES é uma biblioteca virtual que disponibiliza as instituições de ensino do Brasil um acesso por produção científica internacional (CAPES, 2017). Assim como, a base *Scopus*, que pode ser considerada como o banco de dados com um grande volume de revistas científicas (Scopus, 2017). O período analisado foi de 2010, tal qual abrange a criação do IIRC, órgão que coordena e dá diretrizes sobre RI, até as publicações na data da pesquisa, em 01/02/2018.

3. RELATO INTEGRADO E GERAÇÃO DE VALOR

Novas informações e demandas de medição estão surgindo, devido aos financiadores e investidores exigirem maior transparência, melhor desempenho e estrutura de medição de valor das empresas (S. Adams & Simmet, 2011). Para tanto, o RI busca preencher uma lacuna informacional, direcionado pelo *Framework 1.0*, possibilitando que as organizações reconheçam suas individualidades (Slewinski, 2016). Assim, o RI colabora para a redução da assimetria informacional entre os relatórios socioambientais e as demonstrações contábeis (Slewinski, Camacho, & Sanches, 2015), oferecendo, uma abordagem clara e abrangente para a elaboração de relatórios corporativos, sucedendo oportunidade para que formatos únicos,

trabalhem em conjunto, alcançando, assim, um formato de relatório holístico (Simnett & Huggins, 2015; Sofian, 2016).

Para a elaboração de um RI, o *Framework 1.0* traz sete princípios básicos orientadores e sete elementos que definem o conteúdo e comunicam o processo de criação de valor, conforme Figura 1.

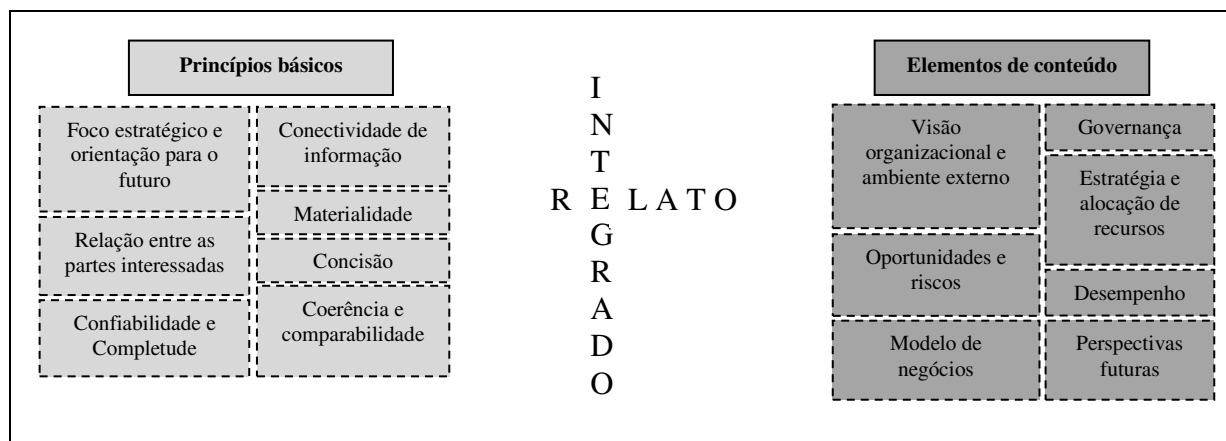


Figura 1 – Princípios e elementos de conteúdo do *Framework 1.0*

Fonte: Adaptado de Busco, Frigo, Quattrone, & Riccaboni (2013); Eccles et al., 2015; Haller & Van Staden, 2014.

O RI não tem por objetivo quantificar ou monetizar o valor da organização em um determinado tempo, como, o valor gerado ao longo de um período, ou suas utilizações, ou seus efeitos sobre todos os capitais (IIRC, 2014). Porém, a inclusão da ferramenta *Key Performance Indicator* (KPIs) e métricas monetizadas, é uma opção eficaz de ligar as informações quantitativas e qualitativas (Flower, 2015; IIRC, 2014). Assim, os profissionais de comunicação terão um próximo desafio de desenvolver métricas de comunicação capazes de demonstrar o valor que a comunicação cria para os negócios e para a sociedade (De Beer, 2014).

Para o RI, o valor de uma organização é criado por meio do modelo de negócio (seus relacionamentos, interações e atividades), que depende da organização interagir com o ambiente externo e capitais, para criar valor em curto, médio e longo prazo (Kuzina, 2014). Os capitais são ações de valores que com o tempo aumentam, diminuem ou são transformadas (+/-/0) por meio das atividades operacionais (*inputs*) e saídas (*outputs*) da organização (Adams & Simnett, 2011), que produzem ao longo do tempo, a criação ou destruição do valor para a organização, seus *stakeholders* e sociedade (E&Y, 2013). A Figura 2 exemplifica a sistemática do RI.

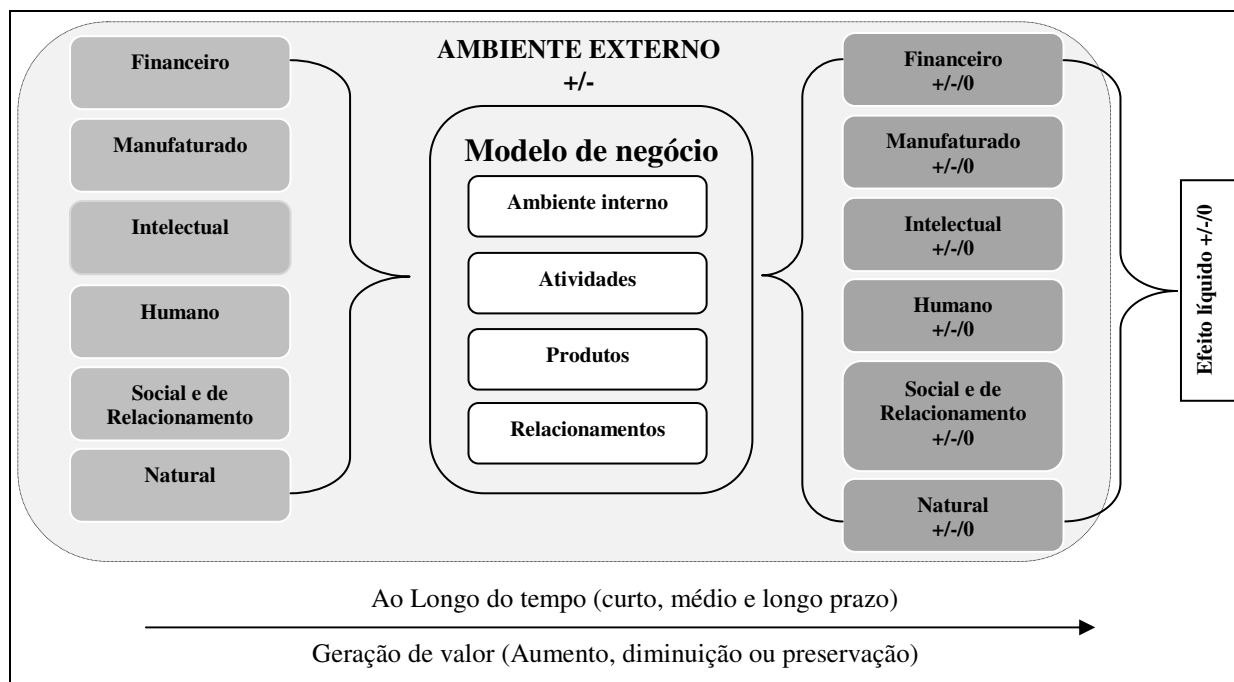


Figura 2 – Processo de Geração de valor do *Framework 1.0*

Fonte: Elaborado a partir de IIRC (2014).

Contudo, conforme exposto acima na Figura 2, as organizações dependem de seis tipos de capitais para o seu sucesso. Em vista disso, depende do ponto de vista da companhia, se o efeito líquido de todos os capitais seria um acréscimo, decréscimo ou se mantém preservado (IIRC, 2014). Segundo o *Framework 1.0*, é raro maximizar exclusivamente um capital, em vista dos demais, por exemplo, o capital financeiro (lucro) em detrimento de capital humano (políticas e prática inadequadas de recursos humanos) (*trade-offs*), com objetivo de elevar o valor para a companhia no longo prazo. A seguir, são apresentados os capitais propostos pelo *Framework 1.0* (Tabela 1).

Tabela 1 – Capitais propostos pelo *Framework 1.0*

CAPITAIS	CARACTERÍSTICAS
Financeiro	Conjunto de recursos disponíveis para utilização na produção de bens/prestação de serviços;
Manufaturado	Objetos físicos desfrutados pela organização a fim de gerar bens e/ou serviços.
Intelectual	Compõe por intangíveis da organização, além de, intangíveis organizacionais apoiados em conhecimento: conhecimento tácito, sistemas, procedimentos e protocolos.
Humano	Alinhamento da companhia e como o apoio à estrutura de governança, gerenciamento de riscos e aos valores éticos. A capacidade de entender, desenvolver e implementar a estratégia de uma organização. E a lealdade e motivação para melhorar processos, bens e serviços, incluindo a capacidade de liderar, gerenciar e colaborar.
Social e de Relacionamento	Padrões compartilhados, bem como valores e comportamentos comuns. Os relacionamentos com as principais partes interessadas e a confiança e compromisso que uma organização desenvolve e procura construir e proteger com as partes interessadas externas. Intangíveis associados com a marca e reputação desenvolvidas por uma organização. Licença social para a organização operar.
Natural	Recursos ambientais que forneçam bens e serviços. Iniciativas das organizações com processos ambientais (biodiversidade e a qualidade do ecossistema).

Fonte: Elaborado com base no *Framework* (2014).

Para que uma organização desfrute do pensamento integrado, depende da forma que ela usufrui desses capitais e do seu impacto sobre eles, deixando visíveis os capitais relevantes em que ela demonstre seu desempenho passado, presente e futuro (Eccles, Krzus, & Ribot,

2015). Vale salientar, que o *Framework 1.0* não exige essas categorias de capitais e nem que seja organizado nessas linhas. Assim, a utilização dessas categorias é sugerida como parte da sustentação teórica do conceito da geração de valor, bem como, servir de diretriz para assegurar que as organizações levem em conta todas as formas de capital utilizadas ou afetadas por elas. Devido que, algumas interações podem ser relativamente tão indiretas ou insignificantes que não há necessidade de reportar em um RI (Flower, 2015; IIRC, 2014).

Flower (2015), critica as definições do IIRC, por considerá-las pouco claras como, capital social e de relacionamento o qual é de difícil compreensão, pois, baseado na questão de uma empresa viável (como o bem-estar da humanidade) “depende, em parte, de relacionamentos que funcionem **bem entre as pessoas** (grifo nosso). O conhecimento da força de trabalho da empresa pode ser razoavelmente classificado, como capital humano ou capital intelectual, mas nem todas as classificações se aplicam a todas as categorias” Flower (2015, p. 3). O único exemplo de capital não renovável seriam os recursos naturais do planeta. Ademais Flower por meio do IIRC *Consultation Questions* realizada em 2013, recomendou que os capitais fossem categorizados em internos e externos, para serem explicitados sobre o que é de controle da empresa ou não. C. A. Adams (2015) apoia o posicionamento de Flower (2015), no entanto, ressalva que é difícil obter uma forma absoluta, devido ao subdesenvolvimento das contas, no caso, os capitais. Nesse sentido, recrimina os contadores, pesquisadores e profissionais de sustentabilidade por não se empenharem na elaboração de um modelo de capital múltiplo.

Não obstante Flower (2015), defende que o IIRC incorporou os princípios básicos da Contabilidade socioambiental, no qual, relata o uso de recursos não renováveis e os impactos que a organização tem com o meio ambiente e sociedade. Porém, desaprova o conceito de geração de valor, visto que, o mesmo não exige das organizações divulgarem os danos com as entidades externas (como o meio ambiente), imparcialmente do resultado sobre o financeiro. Em síntese, os capitais propostos do IIRC, favorece que as organizações defendam suas ações de valores, com um impacto negativo sobre o meio ambiente, em contrapartida, com uma maximização do capital financeiro. Contudo, por este fato o autor também argumentou que o IIRC abandonou a sustentabilidade, pois se incorporasse os conceitos da sustentabilidade, às organizações teriam que revelar aspectos negativos sobre seus relacionamentos, interações e atividades.

Thomson (2014), destacou argumentos que comprovam a defesa de Flower, ou seja, o IIRC não pode mais ser considerado, como um formato confiável que relata a sustentabilidade. De igual forma, aponta que é difícil compreender como um uma comunicação não regulamentada garantir uma reforma sustentável, por exemplo, no próprio *Framework 1.0* apresenta que o RI chega, como uma força para conferir estabilidade financeira e sustentabilidade (IIRC, 2014). Deste modo, “é mais fácil entender como o RI poderia silenciar os elementos radicais da sustentabilidade e potencialmente reformular práticas corporativas insustentáveis como sustentáveis” (Thomson, 2014, p. 4). Portanto, para uma transformação sustentável, depende do modo, em que pensamento integrado e contabilidade integrada, podem enfrentar, desafiar e colonizar o pensamento não integrado. Convergindo com Brown e Dillard (2014) o RI do IIRC, oferece uma abordagem limitada e unilateral para avaliar e relatar sobre problemas de sustentabilidade.

Nesse sentido, “o domínio da criação de valor financeiro pode ser problemático” Villiers et al. (2014, p. 8). Conforme o *Capitals Background Paper* que dão exemplos de *trade-offs*, como, a de que a geração de emprego eleva o capital humano, por meio de uma atividade que afeta negativamente o meio ambiente e, portanto, reduz o capital natural. Desta forma, o aumento do capital financeiro traz custos de danos ao capital natural, assim podendo ser considerado permissão implícita neste contexto (Villiers et al., 2014).

Contudo, a intenção do RI é mais do que comunicar informações financeiras e não financeiras de uma organização, mas enraizar o pensamento integrado em toda a organização, para que ela consiga reportar o seu processo de geração de valor ao longo do tempo.

4. METODOLOGIA

Este estudo adota uma visão indutiva, posição epistemológica descrita como interpretativa e uma posição ontológica exibida como construcionista (Bryman, 2012), bem como, qualitativa e descritiva (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). Pois, busca identificar a abordagem metodológica e o paradigma da produção científica sobre Relato Integrado no viés da geração de valor, em periódicos internacionais com publicações entre 2010 e 2017 por meio de uma análise bibliométrica e multiparadigmática. Considerou-se a delimitação temporal, mediante o corte longitudinal (Farias Filho; Arruda Filho, 2013), do ano de 2010, na qual abrange a criação do IIRC, órgão que coordena e dá diretrizes, até as publicações na data da pesquisa em 01/02/2018. Contudo, foram selecionados apenas artigos internacionais, visto que, foi encontrada nenhuma pesquisa nacional, que explora sobre a temática na base de periódicos CAPES.

A Lei da Bibliometria é estabelecida por três leis: (1) Lei de Bradford, (2) Lei de Lotka e a (3) Lei de Zipf. Foram utilizadas apenas a Lei de Bradford e a Lei de Lotka, para encontrar as características metodológicas e a autoria sobre a temática (Araújo, 2006; Alvarado, 1984; Chen, 1989). No entanto, a Lei de Zipf não foi adotada, pois esta pesquisa não tem por objetivo encontrar palavras-chave sobre o tema.

Conforme Lewis e Grimes (2005), a abordagem multiparadigmática apresenta três abordagens distintas: (1) Revisão Multiparadigmática, (2) Pesquisa multiparadigmática e (3) Construção multiparadigmática de teorias. Nesse sentido, a Revisão Multiparadigmática utilizada define perspectivas teóricas por meio da existência de duas técnicas: (a) o agrupamento e (b) as ligações. O agrupamento de paradigmas esclarece premissas diferentes e, assim, determina a distinções paradigmáticas, contribuindo para o conhecimento, a utilidade e a crítica de perspectivas alternativas. As Ligações elucidam óticas teóricas que fazem ligação aos paradigmas (Lewis & Grimes, 2005).

O levantamento dos dados foi efetuado a partir das bases de Periódicos da CAPES e Scopus, sendo alcançados 18 artigos de acordo com o propósito do estudo, conforme Tabela 3.

Tabela 3 – Formação da amostra por meio da CAPES e Scopus em 2018

Bases:	CAPES	Scopus	Total
Palavras buscadas	<i>“value creation” and “integrated reporting”</i>		---
Contidas em	Título e no assunto	<i>Abstract, title, key-words</i>	---
População	13	13	26
Excluídos*	(4)	(4)	(8)
Amostra	9	9	18

*Nota: um artigo foi excluído por não oferecer uma linguagem universal (inglês), outro foi excluído por não estar relacionado ao assunto, três artigos não foram possíveis de acessá-los e outros três estavam repetidos.

Fonte: A Pesquisa (2018).

Da amostra obtida, extraíram-se as seguintes variáveis: títulos das pesquisas, ano das publicações, características metodológicas quanto à abordagem e quanto aos procedimentos técnicos, nome dos autores, problema e objetivo de cada pesquisa. Todos os dados foram organizados, tabulados e analisados por meio de estatística descritiva (Martins & Theóphilo, 2009).

Por fim, para a identificação de paradigmas dos artigos da amostra, foram analisados os problemas de pesquisa e os objetivos desejados, os quais são condutores da escolha de um paradigma (Martins, 2012). Para Gaffikin (2006), a contabilidade é um sistema de pensamento elaborado por pessoas, para auxiliar a tomada de decisão, e influenciar o comportamento dos seres humanos, portanto, pode ser relacionada a aspectos da sociedade humana. Segundo Gephart (2004), os paradigmas proeminentes do campo da Ciência Social são: o positivismo, o interpretativismo e o pós-modernismo crítico. Na literatura Contábil, existem três paradigmas: (1) Positivismo, (2) Interpretativismo e (3) Teoria Crítica (anti-positivista) (Chua, 1986; Gaffikin, 2006). Acerca disso, para encontrar determinado paradigma nos artigos científicos, utilizou-se como parâmetro a Tabela 4.

Tabela 4 - Características dos Paradigmas Positivista, Interpretativo e Crítico

Paradigma	Positivista	Interpretativista	Crítico
Intuição	Explicar e Prever	Compreender	Descobre interesses e contradições ocultas: crítica, transformação e emancipação
Atividade desenvolvida	Observação	Descrição + Interpretação	Auto-reflexão
Premissa Ontológica	Realismo	Relativismo	Realismo Histórico
Epistemologia (visão)	Objetivista	Construtivista	Construtivista (interação)
Abordagem da pesquisa	Quantitativa	Qualitativa	Qualitativa
Busca	Criar uma lei de generalizações	Fornecer informações específicas	Desenvolver novos entendimentos

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base Burrell & Morgan (1979); Chua (1986); Gephart (1999); Gephart (2004); Gaffikin (2006); Myers (2013).

A seguir, serão apresentados os resultados, circunstanciados na análise dos dados.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Análise Bibliométrica

Efetuada a análise Bibliométrica na amostra, foi possível descrever as características das pesquisas científicas, sendo evidenciados os dados coletados a respeito do título, ano de publicação, periódico, país, Qualis/CAPES 2016 do periódico, autor(es), metodologia e o paradigma da pesquisa da Tabela 4. Com a delimitação, conforme demonstrado no tópico 3, foram encontradas 18 pesquisas científicas a nível internacional.

Tabela 5 - Relação dos artigos sobre Relato Integrado no viés da Geração de valor

Paradigmas	Título	Autor(es) (Ano)	Periódico (Qualis*)	País	Método
	<i>Value Creation and business models: Refocusing the intellectual capital debate</i>	Beattie e Smith (2013)	<i>The British Accounting Review (sem qualis)</i>	EUA	Entrevista
	<i>Redefining Corporate Accountability through Integrated Reporting What happens when values and value creation meet?</i>	Busco, Frigo, Quattrone e Riccaboni (2013)	<i>Strategic Finance (sem qualis)</i>	EUA	Pesquisa documental

Interpretativista	<i>A review of guidelines and frameworks on external reporting of intellectual capital</i>	Abhayawansa (2013)	<i>Journal of Intellectual Capital (sem qualis)</i>	Reino Unido	Teórico
	<i>Leading practices in Integrated Reporting Management Accountants will guide their companies on the journey to value creation</i>	Busco, Frigo, Quattrone e Riccaboni (2014)	<i>Strategic Finance (sem qualis)</i>	EUA	Pesquisa Documental
	<i>Integrated Reporting as a mechanism of increasing business value</i>	Kuzina (2014)	<i>Actual Problems of Economics (sem qualis)</i>	Ucrânia	Teórico
	<i>Organisational benefits and implementation challenges of mandatory integrated reporting: Perspectives of senior executives at South African listed companies</i>	Steyn (2014)	<i>Sustainability Accounting, Management and Policy Journal (sem qualis)</i>	Reino Unido	Survey
	<i>Integrated reporting and assurance: Where can research add value?</i>	Simnett e Huggins (2015)	<i>Sustainability Accounting, Management and Policy Journal (sem qualis)</i>	Reino Unido	Pesquisa documental
	<i>Stakeholders' Perspectives on the Role of Regulatory Reform in Integrated Reporting</i>	Stubbs e Higgins (2015)	<i>J Bus Ethics (sem qualis)</i>	Holanda	Entrevista e análise de conteúdo
	<i>Integrated reporting: background, measurement issues, approaches and an agenda for future research</i>	Villiers, Venter, Hsiao (2016)	<i>Accounting & Finance (sem qualis)</i>	Austrália	Teórico
	<i>Intellectual capital reporting, leadership and strategic change</i>	Slack e Munz (2016)	<i>Journal of Applied Accounting Research (sem qualis)</i>	Reino Unido	Estudo de Caso (Análise de conteúdo)
	<i>The adoption of integrated reporting principles by the Romanian companies listed at the Bucharest Stock Exchange</i>	Sofian (2016)	<i>Audit Financiar (sem qualis)</i>	Romênia	Estudo de caso
	<i>Exploring the implications of integrated reporting</i>	Adams, Potter, Singh, Prakash	<i>The British Accounting Review</i>	EUA	Estudo de caso (análise de conteúdo)

	<i>for social investment (disclosures)</i>	e York (2016)	<i>(sem qualis)</i>		
	<i>Exploring the implications of integrated reporting on organisational reporting practice: Evidence from highly regarded integrated reporters</i>	Haji, e Hossain (2016)	<i>Qualitative Research in Accounting & Management (sem qualis)</i>	Reino Unido	Estudo de caso (análise de discurso)
	<i>Value Creation Reporting: Answering the Question "Value to Whom" according to the International Integrated Reporting Framework</i>	Gokten e Gokten (2017)	<i>Zeszyty Teoretyczne Rachunkowości (sem qualis)</i>	Polônia	Teórico
	<i>Conceptualising the contemporary corporate value creation process</i>	C. A. Adams (2017)	<i>Accounting, Auditing & Accountability Journal (Qualis A1)</i>	Reino Unido	Entrevista
Positivistas	<i>Marketing communications of value creation in sustainable organizations. The practice of integrated reports</i>	Dumitru, Guse, Feleagă, Mangiuc e Feldioreanu (2015)	<i>Amfiteatru Economic (sem qualis)</i>	Romênia	Pesquisa documental (análise de Conteúdo e Estatística)
	<i>Intellectual capital disclosure in integrated reporting: an impression management analysis</i>	Melloni (2015)	<i>Journal of Intellectual Capital (Qualis B2)</i>	Reino Unido	Pesquisa documental (análise de Conteúdo e Estatística)
	<i>Lobbying on the integrated reporting framework: Na analysis of comment letters to the 2011 discussion paper if the IIRC</i>	Reuter e Messner (2015)	<i>Accounting, Auditing & Accountability Journal (Qualis A1)</i>	Reino Unido	Pesquisa documental (análise de Conteúdo e Estatística)

*Nota: o Qualis refere-se ao Quadriênio 2013-2016 da área da Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo.
Fonte: A Pesquisa (2018).

É possível notar, com base no quadro 6, que a primeira pesquisa publicada foi em 2013, ou seja, o ano em que houve a divulgação do *Framework 1.0*, e as duas últimas publicações foi referente ao ano de 2017.

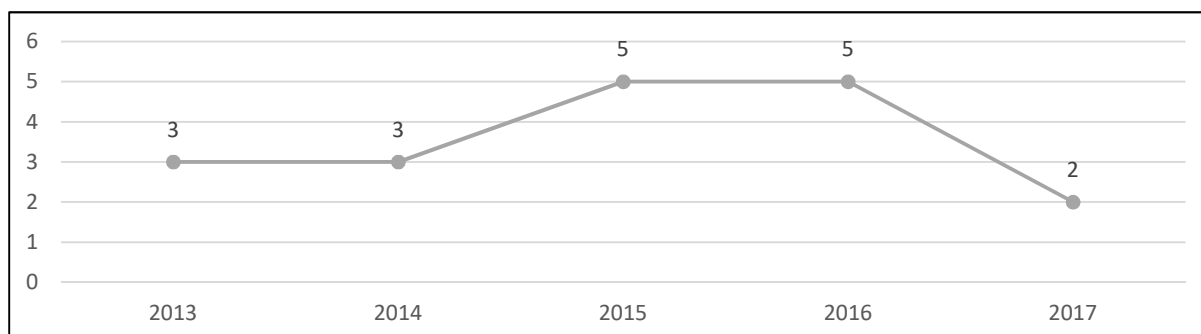


Figura 3 – Distribuição de artigos por ano relacionados ao tema
 Fonte: A pesquisa (2018).

Nesse sentido, conforme a Figura 3, os anos de 2015 e 2016 foram os anos com maior número de artigos publicados sobre esse assunto, totalizando cinco publicações em cada ano. Nos demais anos, ao contrário, existiu uma variação de 2 a 4 artigos publicados, sobre o assunto Relato Integrado e geração de valor. Corroborando, com os resultados de Slewinski et al. (2015), que o campo de pesquisa relacionado ao Relato Integrado permanece inexplorado, tanto no âmbito internacional quanto nacional, levando em conta a quantidade de publicações em periódicos, em suma sendo, sendo pouco prolífica para sustentar o desenvolvimento futuro do RI (*Integrated Reporting Committee of South Africa*, 2014).

Dentre os periódicos que evidenciaram o assunto, cinco periódicos tiveram duas publicações: *Accounting, Auditing & Accountability Journal*; *Journal of Intellectual Capital*; *Strategic Finance*; *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal* e *The British Accounting Review*. Quanto ao país em que houve predominância do assunto, foi o Reino Unido que teve oito publicações. A respeito ao estrato Qualis/CAPES verifica-se que, apenas dois periódicos receberam avaliação em nível nacional por meio do Qualis/CAPES 2016, com avaliação A1 e B2.

Com base no Quadro 4, identificou-se a metodologia utilizada nos artigos da amostra, classificando-os para a realização das análises, segundo as abordagens metodológicas. Dessa maneira, conduziu-se a verificação da presença de um capítulo, ou parte do texto, que se dedicava a explicar como o trabalho havia sido desenvolvido metodologicamente. No âmbito, quanto à abordagem dada ao problema, 83% apresentaram a predominância com abordagem qualitativa e 17% apresentam abordagem qualitativa e quantitativa. No que tange à metodologia empregada, na Tabela 6 são apresentados os métodos utilizados nos artigos.

Tabela 6 – Quanto aos métodos utilizados pelos artigos da amostra

Métodos	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Pesquisa documental	6	33%
Teórico	4	22%
Estudo de caso	4	22%
Entrevista	3	17%
<i>Survey</i> (questionário)	1	6%
Total:	18	100%

Fonte: A pesquisa (2018).

Os estudos que envolveram a pesquisa documental e os estudos de casos, tinham por objetivo, analisar o RI no viés da Geração de valor publicado pelas companhias, *Drafts*, e entre outros. No que se refere às pesquisas de cunho teórico, estas apresentaram discussões relacionadas ao RI com enfoque na criação de valor. Entre os estudos que realizaram entrevistas e *survey*, os autores efetuaram levantamentos de informações com os responsáveis pela elaboração do RI sobre a temática.

Para a caracterização dos autores, as variáveis utilizadas foram: número de autores por artigo e os autores que abordaram Relato Integrado e geração de valor. No que diz respeito à quantidade de autores por artigos, observou-se uma concentração de um e dois autores, representando 33% e 39%, respectivamente, seguidos de 6% com três autores, de 17% com quatro autores e de 5% com cinco autores compostos nas pesquisas. Esse resultado usualmente indica publicações feitas a partir de parcerias de orientação, reforçando o argumento de que esse processo é um importante gerador de produção acadêmica (Cintra, Munck, & Vieira 2012). Com um total de 35 autores que contribuem para a temática, apenas cinco autores contêm mais de uma publicação nesses cinco anos, são eles: Adams, Carol A.;

Busco, Cristiano; Frigo, Mark, L.; Quattrone, Paolo e Riccaboni, Angelo, com uma representatividade respectivamente de 5,71% da amostra.

Segundo a Lei de Lotka, a proporção dos autores que fazem apenas uma contribuição em um campo de conhecimento equivale a mais ou menos 60% (Alvarado, 2002), partindo-se do pressuposto de que poucos autores produzem muito e muitos autores produzem pouco (Moretti & Campanário, 2009). No entanto, este estudo demonstra que existe uma pequena concentração de autores na temática, ou seja, há uma grande dispersão de autores diversos. De igual modo com os resultados de Slewinski et al. (2015), em que não há um número expressivo de pesquisadores que exploram o campo de RI.

5.2 Revisão Multiparadigmática

Conduzido por uma Revisão Multiparadigmática, por meio da técnica de agrupamento por paradigma, este estudo identificou grupos de abordagem acerca da temática, mediante uma análise individual dos artigos da amostra, com o intuito de destacar os paradigmas latentes dos autores quanto a sua abordagem do tema Relato Integrado e geração de valor. Os resultados obtidos, referentes aos paradigmas dominantes por ano, encontram-se na Tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição dos paradigmas por ano da amostra

Ano	Paradigmas			Total
	Positivista	Interpretativista	Crítico	
2013		3		3
2014		3		3
2015	3	2		5
2016		5		5
2017		2		2
Total	3	15	0	18

Fonte: A pesquisa (2017).

É possível notar que não há mudança consistente nos paradigmas das pesquisas sobre Relato Integrado e geração de valor no período analisado, mas, sim, uma permanência do paradigma interpretativista. Ademais, destaca-se no ano de 2015 uma concentração de estudos positivistas. Para Kuhn (1962), os pesquisadores tendem a operacionalizar dentro da caixa do paradigma dominante. Todavia, não é atípico que as pesquisas produzam anomalias, ou seja, que não se enquadrem no paradigma normal e impulsionem os pesquisadores a pensar fora da caixa vigente, pois um novo paradigma pode surgir e desafiar o paradigma corrente. Salienta-se, ainda, na Tabela 8, a estatística descritiva de cada paradigma.

Tabela 8 – Estatística descritiva dos Paradigmas da amostra

Paradigmas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Positivista	3	17%
Interpretativista	15	83%
Crítico	-	-
Total:	18	100%

Fonte: a pesquisa (2017).

O positivista abraça um mundo objetivo em que os métodos podem retratar e medir de maneira quase pronta, e buscar prever e explicar as relações causais. Nesse sentido, são criticados por interpretativistas, pois esses métodos delegam uma ótica do mundo em assuntos, ao invés de capturar, descrever e compreender essas visões do mundo (Gephart, 1999). Os estudos que se enquadram no paradigma positivista são de Dumitru et al. (2015); Melloni (2015) e Reuter e Messner (2015). Por exemplo, Melloni (2015) avaliou a qualidade do

Intellectual Capital Disclosure (ICD) oferecido em RI. Entretanto, embora esta pesquisa não tivesse a intenção de criticar o projeto do IIRC, os iniciantes de RI revelam falhas na comunicação, assim, reforça a necessidade de diretrizes mais claras.

A preocupação do interpretativismo é a de criar um entendimento profundo das estruturas sociais e das ações humanas, buscando reconhecer os entendimentos das pessoas e os significados de suas ações (Chua, 1986). Ainda segundo o autor, as ações não podem ser compreendidas sem serem apoiadas ao seu significado. As pesquisas que apresentaram uma abordagem interpretativista são de Beattie & Smith (2013); Busco et al. (2013); Abhayawansa (2014); Busco et al. (2014); Kuzina (2014); Steyn (2014); Simnett e Huggins (2015); Stubbs e Higgins (2014); Slack e Munz (2016); Reuter e Messner (2015); Villiers, Venter, e Hsiao (2016); Sofian (2016); Ahmed Haji e Hossain (2016); C. A. Adams (2017); Gokten e Gokten (2017). Os únicos estudos que voltaram especificamente ao conceito de geração do RI para sustentabilidade (Brown & Dillard, 2014; Flower, 2015; Thomson, 2014), foram (Sofian, 2016); C. A. Adams (2017) e Gokten e Gokten (2017).

Nesta pesquisa, não foi encontrado nenhum estudo que adotou uma perspectiva crítica, a qual defende que existem contradições e conflitos na sociedade, com isso, as pessoas precisam tomar consciência e estar antecipadas, pois o *status quo* não é suficiente (Lukka, 2010). Além disso, para uma explicação científica apropriada, são necessárias as adoções temporais relacionadas ao contexto (Chua, 1986). Por conseguinte, de forma diferente do resultado de Slewinski et al. (2015), os resultados desta pesquisa não apresentou de forma expressiva pesquisas de caráter positivista. Ademais, dos capitais que fazem parte da sustentação teórica do conceito da geração de valor (Flower, 2015; IIRC, 2014). Encontrou-se apenas estudos voltados para o capital intelectual tanto na ótica positivista e interpretativista, logo, os pesquisadores não visam investigar os outros capitais que poderiam amparar o conceito de geração de valor no RI.

6. CONCLUSÃO

Com base nos resultados apresentados, e em consonância com o objetivo e questão desta pesquisa, que é o de identificar a abordagem metodológica e o paradigma da produção científica sobre Relato Integrado no viés da geração de valor. Conclui-se uma predominância de pesquisas documentais. Em relação ao paradigma relacionado sobre o tema Relato Integrado com o viés da geração de valor, constatou-se uma predominância de estudos interpretativistas.

Segundo Martins (2012), para a evolução da pesquisa Contábil se faz necessário, primeiramente, resolver os problemas existentes e, depois, que se entenda que diferentes naturezas de problemas levam à necessidade da adoção de diferentes paradigmas de pesquisas. Conforme a definição abrangente de geração de valor do RI, no qual é vagamente definido e abstrato no *Framework* 1.0, ou seja, não é claramente definido, o que então, deixa espaço para a interpretação, bem como, na visão dos preparadores este conceito é obscuro, o que apresentaram dificuldades na compreensão e aplicação do mesmo, conforme consulta realizada pelo próprio órgão (IIRC). Entretanto, não foram encontradas pesquisas críticas, ou seja, os autores que abordam sobre a temática não estão buscando além do entendimento contextualizado, por meio da autorreflexão, e sugerindo contribuições para o tema. Ademais, este estudo revelou apenas pesquisas voltadas para o capital intelectual tanto na ótica positivista e interpretativista, logo, os pesquisadores não exploram investigar os outros capitais propostos pelo IIRC, que poderiam sustentar o conceito de geração de valor no RI.

Em suma, não quer dizer que as pesquisas precisam abandonar os outros paradigmas e focar apenas em um tipo de paradigma, assim, não promoverá uma dialética entre os paradigmas das pesquisas realizadas, com a intuição de desenvolver novas abordagens ou construção de teorias (Lukka, 2010). As abordagens multiparadigmáticas proporcionam criar

novas ideias, pois apresentam ontologias e epistemologias distintas, assim, apresentam diferentes faces dos fenômenos organizacionais (Gioia & Pitre, 1990). É necessário, então, buscar um equilíbrio entre as pesquisas, assim como desenvolver o senso crítico e subjetivo sobre o RI. Efetivamente, de acordo com a amostra, o tema carece de estudos, mantendo atenção insuficiente dos pesquisadores, sendo pouco prolífica, para apoiar o desenvolvimento futuro do RI. Em consonância com Dumay et al. (2016); Homero Junior (2017), há falta, de estudos que critiquem a retórica e a prática do RI.

Com esta pesquisa foi possível contribuir com a reflexão do conceito de geração de valor no RI, logo, requer-se pesquisas que supram esta deficiência, principalmente, a necessidade de empenho e dedicação de contadores, pesquisadores e profissionais de sustentabilidade sobre o tema geração de valor no RI. Caso contrário, se os mesmos não questionarem, há possibilidade de criar um círculo vicioso de reportagem que não cumpra a finalidade do RI. Contudo, se os acadêmicos querem contribuir para a pesquisa, necessitam deixar suas torres acadêmicas de marfim, e interagir mais com a prática e o desenvolvimento de RI (Dumay et al., 2016). Como ainda, o IIRC deve focar em melhorias quanto a este conceito abrangente, abstrato e ambíguo, caso inversamente, pode se tornar algo cético, não credível e controverso, contudo, o processo de geração de valor parece “muito filosófica e, portanto, são inadequadas para tornar o RI totalmente viável” (Gokten & Gokten, 2017, p. 164).

Como limitação da pesquisa, quanto ao método, o qual adotou uma análise Bibliométrica e uma Revisão Multiparadigmática. Quanto à amostra, foram excluídos sete artigos da coleta, por não oferecerem uma linguagem universal, por não ser possível acessá-los e/ou por não estarem relacionados ao tema aqui abordado. Também, os resultados deste estudo não podem ser generalizados pela amostra, devido às mesmas serem extraídas apenas nas bases de dados da CAPES e da *Scopus*.

Como sugestão futuras, recomenda-se estudos empíricos que explorem o conceito de geração de valor no Relato Integrado, para que possam servir de subsídio para as companhias relatem em seu RI a sua Geração de valor, no caso, adotando uma perspectiva crítica, contribuindo assim, para o desenvolvimento no RI. Além da aplicação empírica, que explorem os KPIs, os quais podem ser úteis, para explicar como uma organização gera valor, e como ela utiliza e afeta diversos capitais.

6. REFERÊNCIAS

- Abeysekera, I. (2013). A template for integrated reporting. *Journal of Intellectual Capital*, 14(2), 227–245.
- Abhayawansa, S. A. (2014). A review of guidelines and frameworks on external reporting of intellectual capital. *Journal of Intellectual Capital*, 15(1), 100–141.
- Adams, C. A. (2015). The international integrated reporting council: A call to action. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 23–28.
- Adams, C. A. (2017). Conceptualising the contemporary corporate value creation process. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 30(4), 906–931.
- Adams, S., & Simmet, R. (2011). Integrated Reporting: An Opportunity for Australia’s Not-for-Profit Sector. *Australian Accounting Review*, 21(3), 292–301.
- Ahmed Haji, A., & Hossain, D. M. (2016). Exploring the implications of integrated reporting on organisational reporting practice. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 13(4), 415–444.
- Alvarado, R. U. (2002). A Lei de Lotka na bibliometria brasileira. *Ciência da Informação*, 31(2), 14–20.
- Beattie, V., & Smith, S. J. (2013). Value creation and business models: Refocusing the intellectual capital debate. *British Accounting Review*, 45, 243–254.

- Brown, J., & Dillard, J. (2014). Integrated reporting: On the need for broadening out and opening up. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 27(7), 1120–1156.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. (4.ed.). Oxford University Press. Inc.: New York.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). Sociological Paradigms and organisational Analysis - Elements of the Sociology of Corporate Life. *Sociological Paradigms and organisational analysis*, 448.
- Busco, C., Frigo, M. L., Quattrone, P., & Riccaboni, A. (2013). Redefining Corporate Accountability through Integrated Reporting What happens when values and value creation meet? *Strategic Finance*, 1–14.
- Busco, C., Frigo, M. L., Quattrone, P., & Riccaboni, A. (2014). Leading Practices in Integrated Reporting Management accountants will guide their companies on the journey to value creation. *Strategic Finance*.
- Chaidali, P. (Penny), & Jones, M. J. (2017). It's a matter of trust: Exploring the perceptions of Integrated Reporting preparers. *Critical Perspectives on Accounting*, 48, 1–20.
- Chua, W. F. (1986). Radical Developments in Accounting Thought. *The Accounting Review*, 61(4), 601–632.
- Coulson, A. B., Adams, C. A., Nugent, M. N., & Haynes, K. (2017). Exploring metaphors of capitals and the framing of multiple capitals: Challenges and opportunities for < IR >. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 6(3), 290–314.
- De Beer, E. (2014). Creating value through communication. *Public Relations Review*, 40(2), 136–143.
- De Villiers, C., & Sharma, U. (2017). A critical reflection on the future of financial, intellectual capital, sustainability and integrated reporting. *Critical Perspectives on Accounting*.
- Druckman, P. (2016). Integrated Reporting - A new Accounting Disclosure. In C. Mio (Org.). Palgrave M.
- Dumay, J., Bernardi, C., Guthrie, J., & Demartini, P. (2016). Integrated reporting: A structured literature review. *Accounting Forum*, 40, 166–185.
- Dumay, J., Bernardi, C., Guthrie, J., & La Torre, M. (2017). Barriers to Implementing the International Integrated Reporting Framework: A Contemporary Academic Perspective. *Meditari Accountancy Research*, 25(4), 461-480.
- Dumitru, M., Gușe, R. G., Feleagă, L., Manguic, D. M., & Feldioreanu, A. I. (2015). Marketing communications of value creation in sustainable organizations. The practice of integrated reports. *Amfiteatru Economic*, 17(40), 955–976.
- Eccles, R. G., Krzus, M. P., & Ribot, S. (2015). *The Integrated Reporting Movement: Meaning, Momentum, Motives, and Materiality*. John Wiley & Sons, Inc.
- Ernst & Young - (E&Y). (2013). Background - Value Creation. Recuperado em 21 de janeiro de 2018, de <http://integratedreporting.org/resource/background-papers/>.
- Feng, T., Cummings, L., & Tweedie, D. (2017). Exploring integrated thinking in integrated reporting – an exploratory study in Australia. *Journal of Intellectual Capital*, 18(2), 330–353.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Flower, J. (2015). The international integrated reporting council: A story of failure. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 1–17.
- Gephart, R. (1999). Paradigms and Research Methods. *Research Methods Forum*, 4, 1–8.
- Gephart, R. (2004). Qualitative research and the Academy of Management Journal. *Academy of Management Journal*, 47(4), 454–462.
- Gioia, D. A., & Pitre, E. (1990). Multiparadigm Perspectives on Theory Building. *Academy of Management Review*, 15(4), 584–602.

- Gokten, S., & Gokten, P. O. (2017). Value Creation Reporting : Answering the Question „ Value to Whom ” according to the International Integrated Reporting Framework, *91*(147), 145–170.
- Haller, A. (2016). Value Creation: A Core Concept of Integrated Reporting. In: *Integrated Reporting - A new Accounting Disclosure*. In C. Mio (Org.). *Palgrave M*.
- Haller, A., & Van Staden, C. (2014). The value added statement – an appropriate instrument for Integrated Reporting. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, *27*(7), 1190–1216.
- Homero Junior, P. F. (2017). Integrated Reporting in Brazil: A Critical Reading. In *XVII USP International Conference in Accounting* (p. 1–18). São Paulo.
- International Federation of Accountants - IFAC (2015). “Materiality in <IR> Guidance for the preparation of integrated reports.” *IR - INTEGRATED REPORTING*. Acessado em 10/04/2018, de http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2015/11/1315_MaterialityinIR_Doc_4a_Interactive.pdf.
- International Integrated Reporting Council (IIRC) - *Consultation Questions*. (2013). Acessado em 10/04/2018 de http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2013/08/090_John-Flower.pdf.
- International Integrated Reporting Council (IIRC). (2014). *Framework*. Acessado em 10/03/2018 de <http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2015/03/13-12-08-THE-INTERNATIONAL-IR-FRAMEWORK-Portugese-final-1.pdf>
- International Integrated Reporting Council (IIRC). (2016). *The <IR> Competence Matrix Learning outcomes for <IR> training*. Acessado em 10/03/2018 de <http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2016/04/IR-Competence-Framework-Section-One.pdf>.
- International Integrated Reporting Council – IIRC. (2017). *International Framework Implementation Feedback - Summary report*. Acessado em 10/04/2018 de http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2017/10/Framework_feedback_Sum2017.pdf
- Integrated Reporting Committee of South Africa. *Scan of research on integrated reporting in South Africa research opportunities* (2014).
- Kassai, J. R., & Carvalho, L. N. (2013). Relato Integrado : a próxima revolução contábil. In *XI Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente* (p. 1–16).
- Kuhn, T. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. *Philosophical Review* (Vol. II).
- Kuzina, R. W. (2014). Integrated Reporting As a Strategic Mechanism. *Actual Problems of Economics*, *8*(158), 385–392.
- Lewis, M. W., & Grimes, A. J. (2005). Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. *Revista de Administração de Empresas*, *45*, 72–91.
- Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, *21*(2), 110–115.
- Maniora, J. (2015). Is Integrated Reporting Really the Superior Mechanism for the Integration of Ethics into the Core Business Model? An Empirical Analysis. *Journal of Business Ethics*.
- Martins, E. A. (2012). *Pesquisa Contábil Brasileira: uma análise filosófica*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Melloni, G. (2015). Intellectual capital disclosure in integrated reporting: An impression management analysis. *Journal of Intellectual Capital*, *16*(3), 661–680.
- Reuter, M., & Messner, M. (2015). Lobbying on the integrated reporting framework: An analysis of comment letters to the 2011 discussion paper of the IIRC. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, *28*(3), 365–402.

- Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. (5. ed.) Porto Alegre: *AMGH*.
- Simnett, R., & Huggins, A. L. (2015). Integrated reporting and assurance: where can research add value? *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 6(1), 29–53.
- Slack, R., & Munz, M. (2016). Intellectual capital reporting, leadership and strategic change. *Journal of Applied Accounting Research*, 17(1), 61–83.
- Slack, R., & Tsalavoutas, I. (2018). Integrated reporting decision usefulness: Mainstream equity market views. *Accounting Forum*, (April 2017), 1–15.
- Slewinski, E. (2016). *Compreensão do processo de adoção e elaboração do Relato Integrado sob a perspectiva sensemaking de Karl Weick*. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Slewinski, E., Camacho, R. R., & Sanches, S. L. R. (2015). Análise Bibliométrica e Paradigmática da Produção Científica sobre Relato Integrado nos Periódicos Internacionais de Contabilidade. *XV Congresso de Contabilidade e Controladoria Universidade de São Paulo*, 1–16.
- Sofian, I. (2016). The adoption of integrated reporting principles by the Romanian companies listed at the Bucharest Stock. *Audit Financiar*, 15(12), 1335–1348.
- Steyn, M. (2014). Organisational benefits and implementation challenges of mandatory integrated reporting. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 5(4), 476–503.
- Stubbs, W., & Higgins, C. (2014). Integrated Reporting and internal mechanisms of change. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 27(7), 1068–1089.
- Thomson, I. (2014). “But does sustainability need capitalism or an integrated report” a commentary on “The International Integrated Reporting Council: A story of failure” by Flower, J. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 18–22.
- Villiers, C. de, Rinaldi, L., & Unerman, J. (2014). Integrated reporting: Insights, gaps and an agenda for future research. *Accounting Auditing and Accountability Journal*, 27(7), 1042–1067.
- Villiers, C. de, Venter, E. R., & Hsiao, P.-C. K. (2016). Integrated reporting: background, measurement issues, approaches and an agenda for future research. *Accounting and Finance*, 1–23.